

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

ANTROPOLOGIA URBANA: O SKATE E OS SKATISTAS

Mariana Castro de Oliveira

marianacastro94384@gmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Cátia Fabiane Reis Castro de Oliveira

catiapactosemed@gmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Eixo temático 2: Sociedade, Estado e Políticas Educacionais

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de um levantamento e análise de publicações regionais que abordam o skate como objeto cultural e representativo da juventude urbana, com ênfase em seus usos e significados sociais. O objetivo foi mapear produções acadêmicas que tratassem do skate não apenas como prática esportiva, mas como artefato simbólico inserido nas dinâmicas de territorialidade, identidade e resistência sociocultural. A pesquisa, de natureza bibliográfica e exploratória, foi realizada em março de 2025, por meio da consulta a repositórios institucionais da UFMS, UFGD e UEMS. Foram localizados quatro estudos relevantes, os quais compõem o *corpus* da análise: as dissertações de Campos (2021), Piovesana (2007) e Brandão (2006), posteriormente publicada como livro (2011). Os estudos evidenciam que o skate, para além de sua dimensão esportiva, constitui um artefato simbólico carregado de significados sociais, estéticos e identitários. Em Campos (2021), o skate aparece como marcador de microterritorialidades entre estudantes universitários. Piovesana (2007) discute o estigma e os conflitos simbólicos enfrentados pelos skatistas no espaço público. Brandão (2006; 2011) interpreta o skate como elemento estruturante de uma tribo juvenil urbana. Com base na antropologia urbana e na antropologia dos objetos, argumenta-se que o skate promove experiências de sociabilidade, resistência e apropriação simbólica da cidade. Apesar da relevância do tema, constatou-se uma lacuna de estudos específicos na região sul-mato-grossense. Assim, este artigo contribui para a compreensão do skate como objeto legítimo de análise antropológica e para a valorização das culturas juvenis no contexto urbano contemporâneo.

Palavras-chave: Antropologia urbana. Skate. Skatistas. Objetos e significados.

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

Introdução

A antropologia urbana, como campo de investigação voltado à compreensão das dinâmicas sociais nas cidades, dedica-se a analisar as múltiplas formas de interação humana em contextos urbanos. Fundamentada no método etnográfico, essa vertente da antropologia aborda temas como desigualdades sociais, movimentos coletivos, sustentabilidade urbana, segurança e migração, sempre considerando a cidade como um espaço de transformações constantes e interações cotidianas. Seu foco está na observação direta das práticas sociais, valorizando a subjetividade do pesquisador e as relações entre os fatores sociais, políticos, econômicos e espaciais que configuram o território urbano.

Nesse cenário, os objetos adquirem papel central nas relações sociais, funcionando como mediadores simbólicos das identidades e das práticas culturais. A chamada antropologia dos objetos permite uma análise aprofundada das materialidades, seus usos, funções e significados no interior de contextos socioculturais específicos (Gonçalves, 2005). Assim, compreender como determinados objetos circulam, são apropriados e ressignificados por grupos sociais é fundamental para revelar aspectos mais amplos da vida urbana e da construção de identidades.

É nesse contexto que se insere o presente artigo, que tem por objetivo apresentar o resultado de um levantamento e análise de publicações regionais sobre o skate como objeto representativo da cultura juvenil urbana, especialmente no que tange aos usos e significados atribuídos ao skate pelos skatistas. Entendendo o skate não apenas como um instrumento esportivo, mas como uma mediação sociocultural que traduz valores, modos de vida e formas de expressão da juventude, este estudo busca contribuir para o debate sobre os vínculos entre espaço urbano, objetos culturais e subjetividades juvenis.

Metodologia

A etnografia é um método de pesquisa da antropologia, cuja finalidade é compreender os modos de vida de grupos sociais a partir da observação, descrição e análise de seus comportamentos, valores, símbolos e práticas cotidianas. Por meio da imersão do pesquisador no campo, torna-se possível captar os sentidos atribuídos às ações e relações sociais, transcrevendo com profundidade as experiências vividas e os conflitos próprios de cada coletividade. Nesse sentido, a etnografia não se limita à descrição objetiva, mas busca interpretar a visão de mundo dos sujeitos, suas interações e suas estratégias de apropriação do espaço e de constituição identitária.

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

Embora este artigo não tenha adotado uma etnografia direta de campo, ele se alinha metodologicamente à perspectiva etnográfica ao buscar compreender o skate como um objeto cultural carregado de significados sociais. Optou-se, neste caso, por uma abordagem bibliográfica exploratória, em virtude de se tratar do primeiro contato das autoras com a temática. A pesquisa consistiu na identificação e análise de estudos regionais que abordam a presença do skate na dinâmica sociocultural urbana, especialmente no contexto dos grupos de praticantes no estado de Mato Grosso do Sul.

A consulta foi realizada em março de 2025, por meio de três repositórios institucionais regionais: o da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e o da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Utilizando as palavras-chave “skatistas em MS” e variantes correlatas, foram localizados ao todo quatro trabalhos diretamente relacionados ao tema, sendo descartadas outras produções por não tratarem especificamente da abordagem proposta. Os estudos identificados compõem o corpus empírico deste artigo e serão discutidos na seção seguinte, à luz da antropologia urbana e da antropologia dos objetos.

Resultados e discussão

A busca nos bancos de dados regionais resultou na identificação de quatro estudos relevantes relacionados ao tema do skate como objeto cultural no contexto urbano. As buscas foram realizadas nos repositórios da UFMS, UFGD e UEMS; no entanto, apenas os materiais encontrados nos repositórios da UFMS e da UFGD foram validados para compor o *corpus* deste artigo. O material selecionado oferece perspectivas distintas, mas complementares, sobre a relação entre juventude, cidade e práticas simbólicas mediadas pelo skate. A análise conjunta desses trabalhos permite construir um panorama das representações sociais e dos usos atribuídos ao skate como artefato identitário no espaço urbano.

No repositório da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), foi identificada e selecionada a dissertação de Campos (2021, p. [7]), cuja pesquisa em Geografia teve como objetivo “analisar o papel dos estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que residem na cidade de Três Lagoas na produção de microterritórios, por meio da apreensão e análises de suas práticas espaciais cotidianas”. A autora investigou as práticas espaciais cotidianas desses sujeitos, com base em uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas e observações de campo para compreender os modos de estudar, habitar, consumir e usufruir do lazer na cidade universitária.

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

No escopo de sua análise, Campos (2021) destaca o papel dos objetos simbólicos, como roupas, acessórios e equipamentos na constituição de subgrupos juvenis. O skate, nesse contexto, é compreendido como um marcador identitário que sinaliza pertencimentos e diferenciações dentro da vivência urbana estudantil. Citando Lima (2018), a autora observa que, mesmo de forma não intencional, objetos como o skate contribuem para a formação de territorialidades simbólicas entre os jovens. Conforme afirma: “a vestimenta ou acessório característico torna-se um código de identificação, uma simbologia própria criada pelos sujeitos [...] em uma estética vinculada a objetos e símbolos como identidade do grupo” (Campos, 2021, p. 84). Ao final, sua pesquisa evidencia que a fixação dos estudantes na cidade se traduz em novas interações sociais e apropriações simbólicas do espaço, configurando o que ela denomina de “microterritorialidades urbanas”.

A dissertação de Piovesana (2007), localizada no repositório da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), também contribui para essa discussão ao investigar a reinvenção do espaço urbano por usuários de drogas e skatistas na cidade de Marechal Cândido Rondon (PR). Ainda que o foco principal da pesquisa não seja exclusivamente os praticantes do skate, o autor dedica uma análise relevante ao modo como os skatistas eram percebidos pela população local e pelas autoridades, especialmente em função da associação entre práticas esportivas alternativas e comportamentos considerados desviantes.

Em seu estudo, Piovesana (2007) evidencia o preconceito enfrentado por skatistas que frequentavam uma praça pública da cidade, espaço também utilizado por pessoas em situação de drogadição. Um dos entrevistados, aspirante a profissional do skate, relatava o estigma enfrentado por praticantes que, mesmo não envolvidos com o uso de drogas, eram alvo de generalizações negativas. O autor destaca que a construção da pista de skate pela administração pública não representava apenas um espaço de lazer, mas também um mecanismo de controle: “a construção da pista de skate [...] não deixa de ser uma apropriação do poder público, no sentido de controlar e restringir uma prática que, em seus primórdios, era considerada subversiva à ordem dominante” (Piovesana, 2007, p. 151). Essa perspectiva reforça a ideia de que o skate, enquanto objeto cultural, tensiona as fronteiras entre ordem e resistência no espaço urbano.

Também no repositório da UFGD, foi localizada a dissertação de Brandão (2006), que, posteriormente, foi expandida e publicada como livro em 2011. O estudo centra-se na análise do skate como prática cultural urbana e sua associação com o corpo, a juventude e as representações sociais no contexto das cidades. No prefácio da obra publicada, o autor

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

explicita o aprofundamento teórico e metodológico do trabalho original, o que justifica a escolha do livro como principal referência para as análises desenvolvidas neste artigo.

Organizado em três capítulos, o livro inicia com uma reconstrução historiográfica do surgimento do skate nos Estados Unidos, apresentando-o como um “surf de concreto” praticado inicialmente na Califórnia. Em seguida, o autor descreve a chegada da prática ao Brasil no final da década de 1960 e sua progressiva inserção no espaço urbano brasileiro. Por fim, discute-se a consolidação de uma estética própria em torno do skate, com vestimentas, linguagens e símbolos, que, ao longo do tempo, contribuiu para consolidar uma identidade coletiva entre os praticantes, muitas vezes marcada por traços de rebeldia e oposição à cultura dominante (Brandão, 2011).

Brandão (2011) interpreta o skate como um artefato da pós-modernidade, representando não apenas um esporte radical, mas uma forma de vivência urbana que desafia os padrões normativos e propõe novas maneiras de ocupar e ressignificar os espaços públicos. O autor sustenta que, para além de sua função esportiva, o skate é um objeto cultural polissêmico, atravessado por disputas simbólicas e tensionamentos entre poder, juventude e visibilidade social. Como afirma: “o skate é uma manifestação pós-moderna indubitável” (Brandão, 2011, p. 71), o que reforça seu caráter transgressor e identitário nas paisagens urbanas contemporâneas.

Os três estudos analisados, embora com abordagens distintas, convergem ao apontar o skate como um objeto que condensa múltiplos significados e se insere em práticas sociais que extrapolam o simples uso funcional. Em Campos (2021), o skate é um marcador simbólico de microterritorialidades entre estudantes universitários; em Piovesana (2007), ele é foco de disputas sociais e de processos de criminalização simbólica; em Brandão (2006; 2011), emerge como elemento estruturante de uma “tribo” juvenil urbana, dotado de uma estética própria e de uma lógica cultural autônoma. Em comum, os três autores evidenciam que o skate transcende sua materialidade e atua como mediador das identidades, conflitos e sentidos atribuídos à juventude no espaço urbano.

A partir da leitura integrada dos estudos regionais e da literatura especializada, torna-se evidente que o skate, enquanto objeto, desempenha funções que vão além de seu uso como instrumento de lazer ou prática esportiva. Conforme argumenta Gonçalves (2005), os objetos devem ser compreendidos dentro de sistemas simbólicos próprios, considerando os contextos socioculturais em que são produzidos, apropriados e ressignificados. No caso do skate, sua presença na cultura urbana contemporânea revela um conjunto de códigos sociais, estéticos e identitários que articulam juventude, resistência, pertencimento e disputa por visibilidade.

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

O skate opera como signo de liberdade e autonomia, associado a uma forma de expressão que frequentemente escapa às convenções sociais dominantes. Os adeptos dessa prática, sobretudo os jovens, constroem uma identidade própria a partir de elementos como vestimentas largas e despojadas, bonés, correntes, tênis de marcas específicas, além de linguagens e estilos musicais vinculados a gêneros como o *rap* e o *punk*. Essa estética particular, por vezes, resulta em estigmatizações que os identificam como desocupados, desordeiros ou usuários de drogas, revelando as tensões entre formas de subjetivação juvenil e os discursos normativos sobre a cidade e seus “bons usos”.

Machado (2011), ao estudar o Circuito Sampa Skate, chama atenção para o papel agregador do skate na construção de sociabilidades específicas. Segundo o autor, os encontros entre skatistas não se resumem à prática esportiva, mas envolvem trocas simbólicas, reforço identitário e a constante atualização de códigos compartilhados. Em sua análise, ele destaca a existência de subgrupos dentro do próprio grupo de skatistas, organizados por afinidades como o estilo musical, a origem territorial ou a categoria em que competem. Tal diversidade interna reforça a ideia de que a “tribo” dos skatistas, embora relativamente coesa, não é homogênea, e que o skate funciona como mediador tanto de distinções quanto de alianças sociais.

Nesse sentido, o skate pode ser analisado como um dispositivo cultural que, ao mesmo tempo em que materializa identidades juvenis alternativas, também desafia as estruturas de poder que regulam a ocupação do espaço urbano. A prática do *street skate*, por exemplo, subverte a lógica do uso funcional da cidade, transformando escadarias, praças, rampas e corrimãos em “lugares *skatáveis*” (Machado, 2011). Essa resignificação dos espaços rompe com a racionalidade urbanística tradicional, instaurando uma nova gramática do uso da cidade pautada na criatividade, na resistência e no pertencimento simbólico.

A trajetória histórica do skate reforça seu caráter simbólico enquanto objeto cultural multifacetado. Originado na Califórnia na década de 1950, como uma adaptação da prancha de surfe para os períodos de maré baixa, o *skateboard* emerge da necessidade de continuidade na prática esportiva, mesmo em condições adversas. Esse gesto inaugural, de invenção e adaptação, já evidencia a criatividade e o espírito contestador que acompanhariam a cultura do skate desde seu início. Com o tempo, o objeto passou por modificações técnicas significativas, como a substituição das rodas de ferro por rodas de poliuretano, o que possibilitou maior controle, velocidade e adesão às superfícies urbanas. Paralelamente, consolidaram-se estilos, técnicas e circuitos competitivos que aproximaram o skate do universo esportivo, sem, no entanto, descaracterizar sua origem contracultural.

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

A institucionalização do skate, com a criação de pistas, campeonatos e a entrada nas Olimpíadas, como ocorreu nos Jogos de Tóquio em 2021, marca um novo momento para essa prática (Santander, 2023). No entanto, esse processo não elimina os conflitos históricos que cercam os skatistas, especialmente em contextos urbanos marcados por discursos de segurança e controle. Muitos praticantes ainda enfrentam barreiras sociais, preconceitos e criminalizações simbólicas associadas à aparência, ao modo de falar ou simplesmente à escolha do espaço para andar de skate. Tais estigmas refletem, em grande medida, uma visão conservadora do uso da cidade, que rechaça práticas informais, espontâneas ou não normatizadas.

Entre as transformações mais significativas da cultura do skate está o aumento da participação feminina, que vem desafiando um espaço tradicionalmente masculinizado. Conforme destaca Machado (2011), a presença das mulheres nas pistas e nas competições exige o enfrentamento de barreiras múltiplas, que vão desde a falta de aceitação em seus círculos familiares até a dificuldade de acesso a patrocínios e reconhecimento público. A medalha olímpica conquistada por Rayssa Leal, a “Fadinha do Skate”, representa um marco nessa trajetória e inspira o ingresso de outras meninas na prática, contribuindo para a ampliação da diversidade e para o questionamento de padrões excludentes.

Ao reunir jovens com experiências, estilos e objetivos diversos, o skate atua como catalisador de pertencimento coletivo. Os encontros entre skatistas criam um ambiente de reconhecimento mútuo, onde se partilham códigos, narrativas e desafios. Ao mesmo tempo, a prática carrega um potencial de resistência ao instituído, promovendo outras formas de viver, ocupar e pensar a cidade. Em sua multiplicidade de usos e significados, o skate evidencia como os objetos, quando vistos sob a lente da antropologia, não são meros artefatos funcionais, mas elementos ativos na produção de identidades, sociabilidades e disputas culturais.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo apresentar o resultado de um levantamento e análise de publicações regionais que abordam o skate enquanto objeto representativo da cultura juvenil urbana, com foco em seus usos e significados sociais no contexto dos grupos de skatistas. A partir da consulta a três repositórios institucionais do estado de Mato Grosso do Sul (UFMS, UFGD e UEMS), foi possível identificar quatro trabalhos que, embora distintos em

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

abordagem e campo disciplinar, convergem na compreensão do skate como artefato cultural carregado de simbologia, identidade e expressão social.

As análises indicaram que o skate transcende sua função esportiva para se constituir como mediador de experiências urbanas, práticas de resistência e processos identitários. Em Campos (2021), a ênfase recai sobre as microterritorialidades formadas por estudantes universitários, nas quais o skate atua como símbolo de pertencimento e distinção grupal. Piovesana (2007), por sua vez, evidencia as disputas simbólicas e os preconceitos em torno dos skatistas, revelando como a presença desse grupo em espaços públicos desafia normas sociais estabelecidas. Já Brandão (2006; 2011) explora a construção histórica da “tribo” skatista e suas formas específicas de ocupar e ressignificar o espaço urbano, conectando juventude, corpo e práticas culturais em uma leitura crítica da cidade.

A articulação entre esses estudos e o referencial da antropologia urbana e da antropologia dos objetos evidencia o skate como elemento central na constituição de sociabilidades alternativas e formas de expressão juvenil. Sua trajetória histórica, marcada por tensionamentos entre subversão e institucionalização, reflete os dilemas da vida urbana contemporânea, em que práticas culturais emergentes ora são absorvidas pelo sistema, ora o desafiam de modo criativo e coletivo. Nesse processo, o skate reafirma seu caráter polissêmico e sua relevância como objeto de análise antropológica.

No contexto regional sul-mato-grossense, a escassez de publicações específicas sobre o tema evidencia uma lacuna que merece atenção. Embora o estado conte com pistas de skate, grupos organizados de praticantes e eventos voltados à cultura de rua, ainda há pouca produção acadêmica voltada à compreensão dessa manifestação cultural. Nesse sentido, este artigo não apenas sistematiza os estudos existentes, como também aponta a necessidade de aprofundar investigações sobre a presença e o significado do skate no cotidiano das cidades do Mato Grosso do Sul, contribuindo para ampliar os olhares sobre a juventude, a cultura urbana e as práticas sociais que desafiam os limites do instituído.

Referências

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes**: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/164/1/LeonardoBrandao.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRANDÃO, Leonardo. **A cidade e a tribo skatista**: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados: Ed. UFGD, 2011. Disponível em:

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/a-cidade-e-a-tribo-skatista-juventude-cotidiano-e-praticas-corporais-na-historia-cultural.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CAMPOS, Larissa dos Santos. **Vida de estudante**: um estudo sobre as microterritorialidades dos estudantes da UFMS em Três Lagoas – MS. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/3914/1/Disserta%0c3%0a7%0c3%0a3o_OK_FIN_AL.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 60, p. 5–25, 2005. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/285/273>. Acesso em: 15 abr. 2025.

LIMA, Matheus Guimarães. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2018.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De “carrinho” pela cidade**: a prática do street skate em São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-05062012-160404/publico/2011_GiancarloMarquesCarraroMachado_VOrig.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

PIOVESANA, Rodrigo. **Cidade em movimento**: um estudo sobre a reinvenção do espaço urbano por adictos de Marechal Cândido Rondon – Paraná. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/156/1/RodrigoPiovesana.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SANTANDER. Exposição sobre a história do skate está em cartaz no Farol Santander São Paulo. **Santander Imprensa**, 2023. Disponível em: <https://santanderimprensa.com.br/ministerio-da-cultura-e-santander-brasil-apresentam-exposicao-anatomia-skate/>. Acesso em: 1 abr. 2025.